

## **OPINIÃO**

### **Dependência no material de defesa**

*Expedito Carlos Stephani Bastos -  
Pesquisador de assuntos militares da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)*

#### **Os governantes não cuidaram de preservar a produção de equipamento militar nacional**

O Brasil caminha a passos largos para uma dependência externa total na área de equipamentos militares sofisticados, onde os investimentos nas áreas de pesquisas e produção são precários, dando-nos uma falsa idéia de que poderemos abolir de vez o uso e a fabricação desse material.

O desenvolvimento e, de certa forma, uma consolidação do País numa área tão importante e disputada como essa foram conseguidos em pouco tempo, graças a um grupo atuante e dedicado, que acreditava no desenvolvimento por meio da parceria Forças Armadas/empresas privadas, que perdurou por quase três décadas (1969-1995), desenvolvendo desde uma simples pistola a sofisticados veículos de rodas e lagartas, aviões e navios, até sua falência quase total nos anos 90, sepultando a maior parte dessa indústria, com raros sobreviventes e alguns aventureiros na atualidade.

Ficou demonstrada a grande interatividade entre a indústria nacional, multinacionais e as Forças Armadas, na época, transformando o País num produtor de material de defesa para seu uso e exportação, com erros e acertos, desenvolvendo tecnologias que na maior parte não podia ser comprada, pela simples razão de que quem as detêm não ensina a dominar seu ciclo de produção, criando terrível dependência.

Diversas etapas do ciclo de projeto, desenvolvimento e produção foram exercitadas e entendidas. No momento em que toda a cadeia de desenvolvimento e produção entrou em crise, os governantes não cuidaram em preservá-la, incluindo aí todo o conhecimento gerado por anos de pesquisas e qualificação de pessoal, que da noite para o dia se viu desempregado, desamparado e lançado à própria sorte. Nem o material foi mantido para uma retomada futura - a maior parte virou papel velho - e o maquinário e protótipos simplesmente foram sucateados, vendidos como ferro velho, sepultando assim um fator essencial para o domínio da tecnologia na área de defesa.

Faltou visão estratégica e vontade política, pois as alegações de que importar é mais barato e que isso era resquício da ditadura prevaleceu nos últimos anos e somente agora estamos percebendo o que realmente fizemos.

No momento em que o País almeja uma cadeira como membro permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, enviando tropas de paz ao exterior e querendo mostrar hegemonia na região, suas Forças Armadas estão sendo sucateadas - os remanescentes da indústria de material de defesa não conseguem compras mínimas que justifiquem o investimento em produtos mais sofisticados que poderiam muito bem atender a essas forças, gerando emprego e tecnologia de ponta para o País, não só usada na área militar, mas com grande aplicação na área civil.

Precisamos aprender com o nosso passado, com nossas soluções e com toda a nossa deficiência. Olhem ao nosso redor. Por que não levamos adiante projetos brasileiros que eram viáveis, por que não montarmos parcerias com os países vizinhos, deixando de lado o "nacionalismo burro" e a "pobreza generalizada" que impedem o nosso crescimento numa área tão vital para exercermos um papel de destaque neste conturbado século XXI? Seria uma forma de padronizarmos os equipamentos, barateando custos, desenvolvendo e agregando novas tecnologias, gerando empregos dando-nos uma independência que até hoje não foi conseguida.

Precisamos ter uma visão estratégica que nos faltou nos anos dourados das décadas de 70 e 80 e compreendermos que produzir e desenvolver material de defesa não é crime e não faz mal à sociedade, visto que se conseguirmos dominar pontos importantes nesta área ela trará enorme benefícios a todos, desenvolvendo tecnologias sensíveis que os países mais desenvolvidos não querem e não podem nos transferir. Aí sim poderemos dar um passo importante para formar um bloco sul-americano com grande capacidade de barganha nas relações internacionais - os pesos político, econômico e militar podem delimitar cenários mais positivos à região, tornando-a muito mais independente e dando a devida dimensão que merecemos no cenário mundial.

Precisamos também flexibilizar nossos requisitos técnicos, pois no papel eles são excelentes, mas na prática preocupantes, já que tudo que se agrega a um projeto na parte teórica faz com que vá ficando cada vez mais espetacular, mas quando há o aumento progressivo no custo final ele se torna muito distante de nossa realidade, inviável, e assim não conseguimos seguir adiante, fazendo com que sempre voltemos ao início e nele ficamos marcando passo.

Faz-se também necessário que haja uma maior interação entre os diversos centros de pesquisas, pois na atualidade são como ilhas sem comunicação - em várias delas se pesquisam as mesmas coisas, gerando gastos e cometendo erros recorrentes até obterem praticamente os mesmos resultados, uma vez que sempre estamos reinventando a roda e cometendo erros idênticos de 20 em 20 anos. Até quando?

**(Gazeta Mercantil/Caderno A - Pág. 3)**

---